

SONHOS QUE PERDURAM

Livro 76

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



SONHOS QUE PERDURAM

A perseverança a obstinação e a paciência darão ao presente a maneira mais autêntica de não se assustar, e vincular os maus presságios ao desejo de fracassar, antes de ser um aviso protetor. Algo fazer com os sonhos já que eles perduram.



GOETHE

Goethe disse uma vez à baronesa Carolina de Egloffstein: “A capacidade de enobrecer sensualmente tudo e de animar a matéria morta unindo-a à ideia espiritual, é a prova más segura da nossa origem sobrenatural.” A ciência confirmou penosamente e com infinito trabalho o que Goethe intuiu.

ARISTÓTELES - O VISÍVEL É A COR

“Por um lado, temos a luz, a claridade; por outro, as trevas, a escuridão; coloquemos um meio turvo entre os dois. Destas oposições e com a ajuda do intermediário mencionado, nascem as cores que, opondo-se umas às outras e atuando umas sobre as outras, nos fazem pressentir em seguida e diretamente uma essência comum.”



POUCOS SE ANIMAM

Poucos se animam a descrever a ecologia da velha Catinga e sua extraordinária variedade. Matas que ressurgem intactas depois das parcas chuvas, seus charcos e açudes brevemente molhados. Troncos secos, caídos, curvados como portais parecendo estarem compondo paisagens em ruínas. O olhar percorre esses escombros, nos caminhos madeiras destroçadas, o silêncio absoluto, desobedecido pela fuga de algum pássaro.

Formigas, abelhas, serpentes, pedras, espinhos protegem a paisagem, são barreiras naturais diariamente vencidas pelo sertanejo. Habilmente se integram à paisagem humana e natural. Aparecem como ocupante coroando de virtude doméstica suas idas e vindas.



CEMITÉRIO SILVESTRE

No inverno, o que parece um cemitério silvestre toma folego para seguir guardando as pedras e os cactos. Enquanto as chuvas dão uma pausa distraindo a seca, almas errantes dentro e fora da paisagem caminham a esmo pelas matas, desenham nas pedras suas aflições, suas saudades abraçando-as sem aviso prévio. Não se trata de arrancar da Caatinga o máximo que ela possa dar.

FORMA DO DESERTO

Substituída a espoliação de muitos pela espoliação dos poucos, a abolição indiscriminada das árvores funda uma forma do deserto, a mata invadida pela máquina corta tudo o que encontra, todos os recursos podados, todas as raízes arrancadas. A Sávia chora lamentando silenciosa os recursos podados, um plano de caos e desespero não gritado.



VÍTIMAS DA OCUPAÇÃO

As árvores das praças não foram às únicas vítimas da ocupação. Entre um insensível e desmemoriado habitante, coveiro da memória, posto o cimento sobre cimento se instalou a morte da história dando-lhe um lugar como inquilino indesejável. Pedras, cimentos, bancos de pedra, arco de pedra, alma de pedra, aberta ao sol escaldante a praça perdeu suas sombras e sem frequência, desassistida acumulou calor e solidão.

APARÊNCIA DE DIGNIDADE

Alguma aparência de dignidade se recupera no semblante dos adoradores da paisagem homenageando o silêncio que se projeta por entre as pedras se nelas se deitarem as sombras das árvores.



VIDA VIRTUOSA

Não se trata de um ermo estéril, mas um modelo de vida virtuosa que natural preserva-se sem que ninguém tire dali o que não é seu. O prazer instintivo caminha simples, nativo, austero, por entre as poucas madeiras que sobreviveram à desertificação, arraigadas no solo natal insistem em ser um marco da cultura local. Esforços continuados conduzem a memória dos antepassados e dos tempos passados revisitados na paisagem aprendida para ser olhada, vista e revivida. As posições sociais desaparecem nas suas trilhas, os orgulhos cedem a vez aos medos de que por detrás

de uma pedra apareça algum fantasma desgarrado da repressão invocando a tradição de que os mortos mal enterrados e os vivos mal amados sempre retornam como fantasmas para cobrar dívidas e desfazer dívidas cada vez mais elevadas pelo aumento das culpas. Os fantasmas em pessoa revisitando novos encontros alardeando suas eternidades infringindo uma derrota ao esquecimento.



HUMILDE PERSEVERANÇA

A versão final de cada paisagem é passageira, os tempos de sua construção não obedecem a um planejamento unificado, as contribuições ao projeto se dão de maneira irregular, expondo ali a unificação de escultores misturados com a natureza, resultado de uma humilde perseverança. Ela constitui uma pequena expressão da unificação presente na consciência ecológica no próprio coração da Caatinga. Revela-se em cada contribuição a busca de uma construção, da retomada

de alguma lembrança, de algum conhecimento acumulado iluminando a escuridão. Quem não a conhece sempre se perde, todos os caminhos são ilusoriamente iguais, todos os ramos secas se parecem sem parecer, todos os espinhos são redores dando no mesmo, nenhum conhecido lugar.



O SÚBITO E A AMNÉSIA

Algum súbito ocupa o lugar da amnesia coletiva. A vegetação muda começa a falar, como se começasse do nada, pequenas vegetações começam a ocupar convertendo uma parte da seca em planta viva onde se pensava o solo morto. Esse transparente absurdo legaliza a Caatinga como um reservatório de esperanças sustentadas até a próxima chuva.

FRUTOS DA HISTÓRIA

Desvinculadas de tempo e lugar, as paisagens são frutos da história, expressam e reinventam as histórias tradicionais. Deixam de ser objetos aparentes para elevarem-se à categoria de representação. Transforma uma árvore em um afeto e um pauzinho em um conhecido valor. Um espaço operativo que encena histórias. Um ar romântico celebra um amor sentimental às paisagens locais. A paisagem da Caatinga recorre às pedras e às madeiras para expressar um autêntico triunfo. Raízes se enroscam nos gravetos secos que insistem eretos em marcar suas presenças quase obrigatórias, propositalmente toscas, alternando claros e escuros, luzes e sombras e entre elas filas de lagartos circulando suas fomes e procriações.



ENCANTOS IRREGULARES

Os encantos irregulares guardam segredos. O “amarelo esconde o verde”, o odor das flores dos cactos distrai a sede aumentada pelo sol revivido em espaços regulares.

EMBLEMAS

Uma carcaça do que havia sido a costela de um boi e uma aranha despreocupada ocultada por um buraco escuro como ela. Elementos comuns se tornam emblemas comuns da Caatinga juntamente com o silêncio e a falta d'água.



CHOUPANA

Uma ou outra choupana situada em um terreno cedido, contava a habilidade de algum aventureiro construtor utilizando a cópia e a cultura do vizinho cuja casa sobreviveu aos anos preservando-lhes o direito à sombra e compondo a paisagem.

PEQUENO JUÁ

Cenas de alegrias espontâneas extraem afetos da paisagem repetida no modelo, na miniatura, a memória vem cobrar seu lugar, tenta recuperar a paisagem passageira, demolida, volta para recuperar fornecendo material afetivo para recuperar um Juá de antes.



AFASTADOS DA TERRA

O afastamento dos seres humanos com a natureza arrasta milhões de pessoas à pobreza, aquilo que eles plantavam lhes é vendido com sobrepreço na forma de alimento processado e impuro.

AS VOZES DA TERRA

As vozes da terra não estão sendo ouvidas, estão escravizadas pela ganância. Guardam em silêncio seus mistérios, suas histórias, esperam ouvidos atentos, ventos, pássaros, esperam se livrar das máquinas que lhe ferem a alma e os sentidos. A terra só se abre àquele que a acaricia suavemente cada vez que chora, que sente as feridas. As pedras conversam entre si, as escondidas, sem que o aço desconfie que elas opinem, reconhecem os pés e o calos dos caminhantes que por elas passam saudando-as. A voz do vento canta comemorando a passagem descobrindo a paisagem. Braços desempregados pacientemente cruzados são excedentes, migrantes, combinando com a fome diante de tanta abundância, de terra esgotada e povoada de habitantes condenados à miséria, enviados ao extermínio cultural e social. Associados os latifúndios e as pedras estéreis assistiram o extermínio das florestas.

MEMÓRIAS INSISTENTES

Pecador imperdoável resiste na meditação povoada de memórias insistentes que se negam a caminhar na estrada do esquecimento. Lembra-se de cada promessa, de cada custo social, de cada susto econômico.



A VIDA ACABA CEDO

A pele seca transpira, perspira, de tanto sol, os cactos oferecem frutos. A vida acaba cedo, os filhos, sempre a morte poupa algum.

FICÇÕES

Os princípios de conservação da natureza assim como os cuidados aos humanos incluem os espaços explorados, nos lugares fechados privatizam os sons, as paisagens e fccionam tudo aquilo que possam em nome de uma pseudo realidade. Esta ficção é mais uma no universo do “faz de conta” que cala a realidade como ela é e impõe uma ficção social, corporal e estética.



PREDOMINÂNCIAS CULTURAIS

Quanto ao tema da natureza propriamente dita, será prioritário transformar as questões em torno como nodulares e, sendo assim em predominâncias culturais. O alvo cultural é mais influente que outros, por isso cada cultura local é fundamental ainda mais sabendo que o marco teórico ensinado em geral nada tem a ver com a realidade local.

POUCO FLEXÍVEIS

A organização administrativa costuma encerrar de forma conservadora, fixa metas pouco flexíveis, o dinheiro entra de forma assistencial ou como lucro sem maiores envolvimento com o restante, e tudo o que significa antecipar-te pela prevenção, atenção primária ou integral é desvalorizado.



EXCLUSÃO

Espera-se muito das escolas e das universidades e os que elas mais fazem é reproduzir políticas de exclusão e encerro.

NOVOS ACESSOS

As políticas de inclusão da natureza deverão considerar que o que é sólido exige tempo, tanto na estagnação como na aceleração, os tempos de incorporação de culturas, de novos conhecimentos. Não se encontra em nenhum ambiente o tempo necessário para a absorção de si e do mundo. Este será o caminho que abre novos acessos menos contaminados para a inclusão da natureza como parte da vida a ser preservada ou reconquistada.



MOTIVAÇÕES

Estas foram as motivações pelas quais construí os Laboratórios da Natureza no Centro de Referência à Vida do Instituto Oziris Pontes constituído por: Jardim Botânico, Pomar, Horta, Jardins, Carnaubal, Pequenos Jardineiros do Juá, Uso racional da água, Banco de Sementes e Culinária, Pequeno Juá, Esculturas da Natureza.



Roberto Curi Hallal

